

NAVIGIUM ISIDIS: O FESTIVAL DA DEUSA ÍSIS POR MEIO DA CULTURA MATERIAL DE POMPEIA E ROMA

NAVIGIUM ISIDIS: THE FESTIVAL OF THE GODDESS ISIS THROUGH THE MATERIAL CULTURE OF POMPEII AND ROME

LUANA DE OLIVEIRA CORREA TRESKA¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a investigação do *Navigium Isidis*, o festival dedicado à deusa egípcia Ísis, realizado na esfera de seu culto de caráter mediterrânico. Para isto, utilizo como fontes a cultura material de Pompeia e dos arredores de Roma, e com aporte dos estudos de recepção e arqueologia, busco encontrar os modos com que essa celebração dialoga com as origens egípcias da deusa.

PALAVRAS-CHAVES: Navigium Isidis, cultura material, Pompeia, Roma, recepção, arqueologia.

ABSTRACT

This work aims to investigate *Navigium Isidis*, the festival dedicated to the Egyptian goddess Isis, held within the sphere of her Mediterranean cult. For this, I use as sources the material culture of Pompeii and the surrounding areas of Rome, and with input from reception and archeology studies, I seek to find the ways in which this celebration dialogues with the Egyptian origins of the goddess.

KEYWORDS: Navigium Isidis, material culture, Pompeii, Rome, reception, archaeology.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (PPGHIS-UFPR), pela linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimentos na História, sob orientação da Prof^ª Dr^ª Renata Senna Garraffoni. Email: contatoluanatreska@gmail.com

INTRODUÇÃO

No antigo mundo mediterrâneo, um festival marcava à cinco de março a abertura da temporada de navegações, o *Ploiaphesia* ou *Navigium Isidis*, como ficou conhecido no mundo romano.² Este festival foi dedicado à deusa Ísis, divindade egípcia que, sobretudo por volta do período Ptolomaico, obteve prerrogativa sobre a navegação marítima. A coletividade de fontes que incluem aretologias, material epigráfico e numismática, indicam sua realização ao menos desde o primeiro século a.E.C. (BRICAULT, 2020, p. 208), coincidindo com ascensão do aspecto marítimo de Ísis, e, ainda que haja um consenso entre estudiosos acerca de seu surgimento em Alexandria, Laurent Bricault não descarta a possibilidade de a cidade fenícia de Biblos ser o local de origem da celebração, tendo em vista a presença do culto da Ísis marítima desde seus estágios iniciais. Considerando estas informações, podemos concordar com a inviabilidade de sua realização anteriormente ao estabelecimento do caráter marítimo de Ísis, solidificado sobretudo a partir do período ptolomaico, ou mesmo que se relacione com outras festividades praticados no Egito faraônico dedicados à divindade. O *Navigium Isidis* foi celebrado em diversas localidades tocadas pelo culto isíaco, especialmente em cidades portuárias, sendo que sua existência é atestada em razão de sua inserção no calendário romano pelo imperador Calígula (FANTACUSSI, 2006, p. 47), constando, entre outros documentos, na *Menologia Rustica* (século I), no *Cronógrafo de 354* (século IV), *De Divinis Institutionibus* de Lactânio (início do século IV), *De Isidis navigio* de Claudiano (fim do século IV), *Mythologiae* de Fábio Placíades Fulgêncio (séculos V-VI), *Terceiro Mitógrafo do Vaticano* (séculos IX-X) (BRICAULT, 2020, p. 203-204).

Detalhes sobre a realização do festival são escassos. Há menções de sua existência em fontes escritas, sendo o mais conhecido e citado o livro XI de *Metamorfoses* ou *Asno de Ouro* de Apuleio, que descreve o festival em Corinto, e embora a narrativa do autor que viveu no segundo século consista em uma história fantástica, é possível que este tenha tomado como referência elementos reais da celebração isíaca. Do pouco que nos restou acerca do festival, sabe-se que este recebia

² Aqui iremos nos referir ao festival como *Navigium Isidis* visto que trataremos de sua realização em território romano.

em sua celebração pessoas externas ao culto isíaco, em contraste com suas atividades cotidianas restritas ao corpo sacerdotal e iniciados em seus mistérios, um fator que pode ter sido estimulado pelo caráter oficial obtido no período imperial. Celebrado em diversas cidades portuárias do Mediterrâneo, é provável que tenha sido realizado de diferentes formas nas localidades em que esteve presente. O relato de Pausânias informa que a celebração tinha a duração de três dias, incluindo preparativos, sacrifícios e no último dia a procissão, presumivelmente do Templo de Ísis até o mar ou rio, onde uma embarcação com oferendas seria lançada como *bons votos* (BRICAULT, 2020, p. 213).

Embora o *Navigium Isidis* seja um tema de debate entre os estudiosos que se dedicam à deusa Ísis, sobretudo no que diz respeito às fontes materiais, tendo em vista que não há consenso acerca de evidências materiais que representem ou tenham sido parte da celebração, neste estudo optou-se pela investigação do festival por meio da análise da cultura material encontrada em Pompeia e aos arredores de Roma, que são interpretadas por alguns estudiosos como sendo representações ou indicações do *Navigium Isidis*. A razão deste recorte se deve ao grande número de locais em que o culto isíaco esteve presente e podem ter recebido o festival, portanto, optou-se por nos limitarmos à esfera romana de Pompeia e imediações de Roma. Além do mais, Pompeia contou com um Templo de Ísis do qual pôde ser recuperado diversas pinturas parietais que viabilizam a investigação do culto da deusa em território romano, em especial seu aspecto como protetora da navegação. Assim, o festival pode ser posto em contato com a esfera cotidiana do culto isíaco pompeiano. Quanto à Roma, além do Templo de Ísis e Serápis no Campo de Marte, devemos voltar nosso olhar para o porto de Óstia, local onde foi erigido um Serapeu para o consorte de Ísis. Apesar de não haver evidências materiais de um templo da deusa em Óstia, é provável que o *Navigium Isidis* tenha ocorrido na cidade em razão de sua localização marítima, e o fato de que seu porto constituiu um importante escoadouro dos grãos trazidos do Egito no período imperial, cuja travessia marítima era resguardada pela deusa.

Não obstante, tomamos o *Navigium Isidis* como uma oportunidade de análise da recepção da deusa egípcia em território romano, buscando as permanências e

refigurações de elementos egípcios que compõem sua identidade e seu culto. Assim, com o aporte dos estudos de Recepção, investigaremos as origens da prerrogativa aquática de Ísis ainda no Egito faraônico, e o desenvolvimento de seu poder sobre o mar no período Ptolomaico. Além do mais, trago como respaldo teórico-metodológico os estudos da cultura material para análise das fontes.

Dito isso, antes de nos aprofundarmos no estudo acerca do festival, é necessário a investigação da deusa a quem é dedicado, em especial no que diz respeito a seu caráter marítimo.

DO NILO AO MEDITERRÂNEO: A PRERROGATIVA SOBRE O MAR

Em seu vasto estudo sobre o aspecto marítimo de Ísis, Laurent Bricault³ aponta que no culto da Ísis faraônica, possivelmente originado no Baixo Egito, a divindade detinha aspectos multifacetados, como deusa mãe, protetora, deusa dos mortos, regeneradora da vida, protetora dos assuntos reais, guardiã do trono, havendo um crescimento de seu poder no primeiro milênio a.E.C., no mesmo momento de popularidade do mito de Osíris e dos ritos funerários relacionados a este (BRICAULT, 2020, p. 1). O autor também aponta que, ao ser favorecido pelos Nactanebos, no século IV a.E.C., o culto isíaco alcançou vastas regiões, se estendendo desde o delta egípcio à ilha de Filae no Alto Egito (BRICAULT, 2020, p. 1). A deusa se beneficiou da fluidez da religiosidade egípcia, e das ações de seus sacerdotes que visavam a expansão de seu culto, sobretudo para gregos de cidades do delta, como Mênfis e Naucratis. Seu aspecto universalizante, que agrega diversas esferas de poder, e a difusão de seu culto pelo Mediterrâneo acontece sobretudo sob a esfera da dinastia ptolomaica em Alexandria, caracterizando-a como uma Ísis helenística, ou seja, que manteve fundamentalmente seu caráter egípcio, contudo, agregando novas prerrogativas sob um aspecto inteligível pelas populações gregas (BRICAULT, 2020, p. 1-2).

Pensando na existência de uma vinculação da identidade da deusa ao elemento aquático e navegação no período faraônico que pudesse estabelecer um ponto de contato com sua prerrogativa sobre o mar, retomo as instâncias destacadas por Bricault.

³ BRICAULT, Laurent. *Isis Pelagia: Images, Names and Cults of a Goddess of the Seas*. Leiden, Boston: Brill, 2020. 384 p. (Religions in the Graeco-Roman world).

O primeiro é que Reino Novo, Ísis tem sua identidade associada ao de Hathor (BRICAULT, 2020, p. 19), deusa egípcia identificada às embarcações e ao vento do norte, além de ser conhecida como Senhora de Biblos (BRICAULT, 2020, p. 14). A partir disso, Ísis tem sua imagem relacionada com embarcações, ao qual

Isis is able to pilot the solar barque (the barque of the gods); to give orders in the barque of the King; to appear on the prow of a barque during the conflict between Horus and Seth; and, in her role as sister-spouse of Osiris, she can even accompany the deceased in his journey to the Underworld, and appear there, moreover, on a barque, often in the company of her sister Nephthys. (BRICAULT, 2020, P. 15-16)

Além disso, recebe no Egito epítetos que a relacionam com a água, entretanto, aqueles que apontam para o mar ocorrem em decorrência da atuação marítima da Ísis helenística (BRICAULT, 2020, p. 17). Para Bricault, uma conexão mais profunda da Ísis faraônica com a água provém de sua identificação com Sóthis⁴ nos Textos das Pirâmides, estrela cuja aparição anunciava as cheias do Nilo e o início do novo ano com a estação *Akhet*, portanto, a tornando aquela que detém governo sobre as cheias, e assim como Hathor, é o Vento do Norte que prolonga as inundações do Nilo.⁵ Entretanto, estes são aspectos aquáticos apontam para o rio, para o Nilo.

Seu deslocamento para domínio sobre o mar muito deve para o contato com gregos e fenícios, e ao desenrolar que o mito de Osíris e a busca de Ísis tiveram na cidade fenícia de Biblos, onde a deusa encontra o sarcófago de seu falecido marido, além da identificação da rainha Arsínoe II (séculos IV-III a.E.C.) com Ísis. Em um momento de ascensão do poderio e influência ultramar ptolomaico, o culto da falecida rainha divinizada assimilou a consorte de Ptolomeu II Filadelfo com Afrodite *Euploia* no Mediterrâneo, contudo, foi com a popular Ísis com quem a rainha teria sido associada entre os egípcios (BRICAULT, 2020, p. 30). Assim, de acordo com Bricault (2020, p. 39) o despontar de Ísis *Euploia* se dá por meio da identificação Arsínoe II-Afrodite *Euploia*, com a deusa egípcia concedendo autoridade faraônica para a dinastia ptolomaica, sendo

⁴ Nome grego para a estrela Sirius, os egípcios a conheciam por Sopdet.

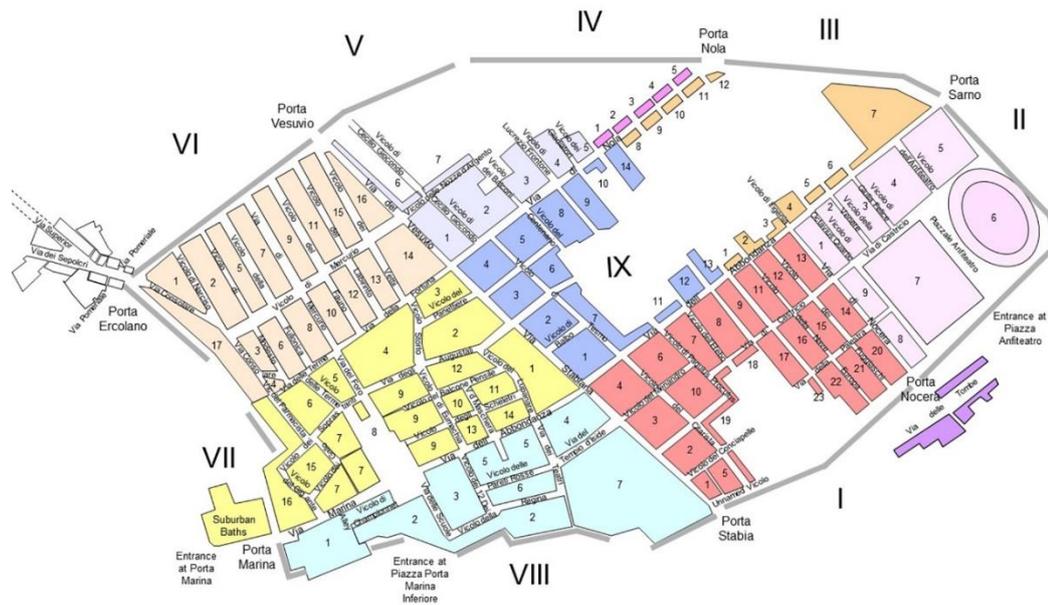
⁵ Que sopra em direção ao sul, prolongando as cheias que escoariam para o Mediterrâneo.

a divindade tutelar de Alexandria em conjunto de seu consorte Serápis, a nova divindade que uniu Osíris com o touro Ápis.

Portanto, é a partir da Alexandria Ptolomaica, mas com o prévio contato com gregos e fenícios, que Ísis obtém um caráter marítimo, aspecto aparente em sua Aretologia, havendo toda uma iconografia da deusa em embarcações içando a vela, ao qual teria sido a inventora, e recebendo epítetos que a relacionavam com o mar, sendo estes: a epiclese *Euploia* (da boa viagem), empregado sobretudo no período Helenístico; a epiclese *Pelagia* (do mar, marinha), sobretudo no período romano imperial se referindo a sua proteção à navegação, as embarcações e aos marinheiros; *Sôteira* (salvadora), também referente à seu papel protetivo e salvador, e empregado na bacia do Egeu; *Pharia* (farol, Ísis de Alexandria), representada iconograficamente com o farol, em seu papel como protetora das frotas que transportavam os grãos do Egito à Roma no período Imperial (BRICAULT, 2020, p. 170).

A PRESENÇA DE ÍSIS EM POMPEIA E ROMA

Soterrado até sua descoberta em 1764, o Templo de Ísis em Pompeia surpreendeu com o seu estado de conservação. Localizado na ínsula VII, da região VIII, bem ao lado do Grande Teatro, próximo do portão de *Stabia* e de duas importantes vias da cidade, a *Via Stabiana* e a *Via dell'Abbondanza*, esta última constituindo umas das principais vias da cidade e rota de celebrações religiosas (WALLACE-HADRILL, 2005, p. 51). Tendo isso em mente, podemos deduzir que a procissão percorria essas duas vias partindo do Templo até o mar acessado pelo portão Marina.



Mapa 1 – Mapa de Pompeia por *Pompeii in Pictures*, Jackie e Bob Dunn. Referência: <https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/Maps/Plan%20Pompeii%202020%20Streets.jpg>. Acesso em: 16 de setembro de 2024.

Entre a cultura material encontrada no *Iseum* de Pompeia, o afresco reproduzido abaixo tornou-se conhecido modernamente como *Navigium Isidis*, presumivelmente em razão da representação de Ísis navegando em uma embarcação, tendo em vista *Navigium Isidis* significar “o navio de Ísis”. A pintura retrata a passagem mitológica do momento em que Ísis navega pelo Nilo com o ataúde contendo o corpo de Osíris, e podemos mesmo formular a hipótese de que indique a realização do festival que comemorava a descoberta do corpo do deus, o *Inventio Osiridis*. Ainda que a pintura possa não indicar o festival de Ísis, sustento que o caráter protetor da deusa manifesto no mito de Ísis e Osíris foi um aspecto relevante que influenciou sua função como protetora da navegação.



Figura 1 – Navigium Isidis. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p13_files/image047.jpg.
Acesso em: 30 de julho de 2024.

Encenações possivelmente tomaram parte no festival, com Valentino Gasparini (2013) já tendo apontado para o uso do Grande Teatro que se situava ao lado do Templo de Ísis em Pompeia, para encenações de caráter aquáticas, provavelmente também encenadas durante o festival. Vegécio no século V escreve que o festival incluía espetáculos e combates solenes, possivelmente navais.

From the third day before the Ides of November up to the sixth before the Ides of March, the seas are closed; in effect, the shortness of the day and the length of the night, the thickness of the clouds and darkness of the air, the cruelty of the winds amplified by the rain and snow not only keep ships from the sea, but also travelers from their land routes. Finally, the anniversary day arrives, one could say, of the birth of sailing, which is celebrated by a solemn combat and a public spectacle in numerous cities. (VEGÉCIO, c. 400 d.C., p. 39 APUD BRICAULT, 2020, p. 213)

Há uma série de pinturas pertencentes ao Templo de Ísis em Pompeia que retratam cenas navais com uma ou duas embarcações próximas ao que parece ser um porto. Estas foram interpretadas de diferentes formas, havendo maior concordância entre os estudiosos de que se tratava de homenagens dos marinheiros a deusa, contudo, a tripulação portando lanças e escudos poderia indicar um combate solene do festival.



Figura 2 – Cena naval. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p11_files/image048.jpg.
Acesso em: 30 de julho de 2024.



Figura 3 – Cena naval 2. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p9_files/image037.jpg. Acesso em: 16 de setembro de 2024.



Figura 4 – Cena naval 3. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p11_files/image042.jpg.
Acesso em: 16 de setembro de 2024.

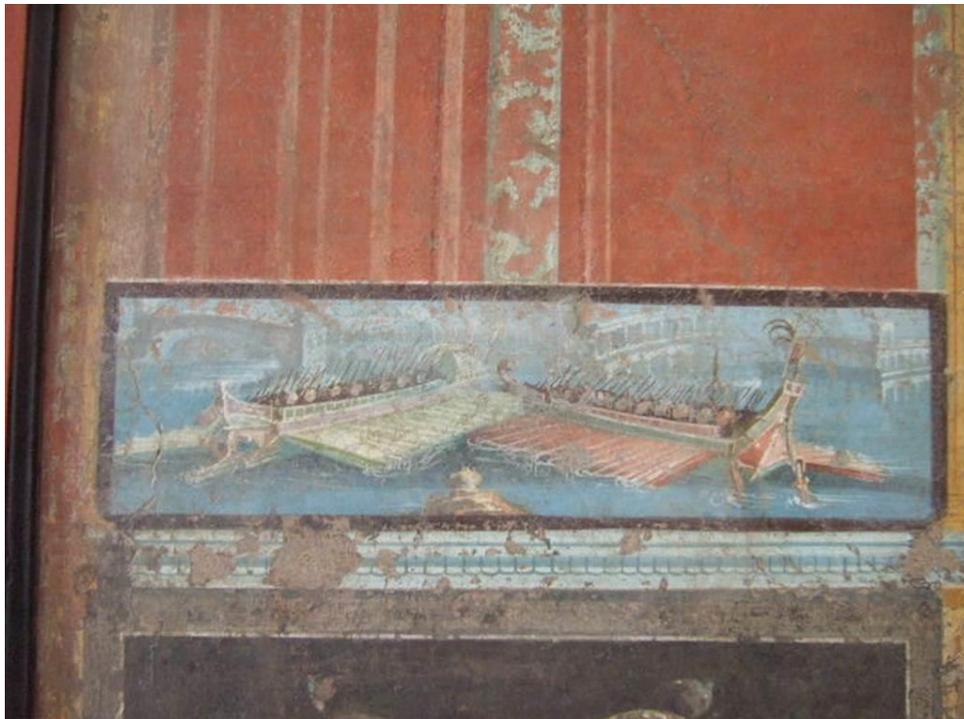
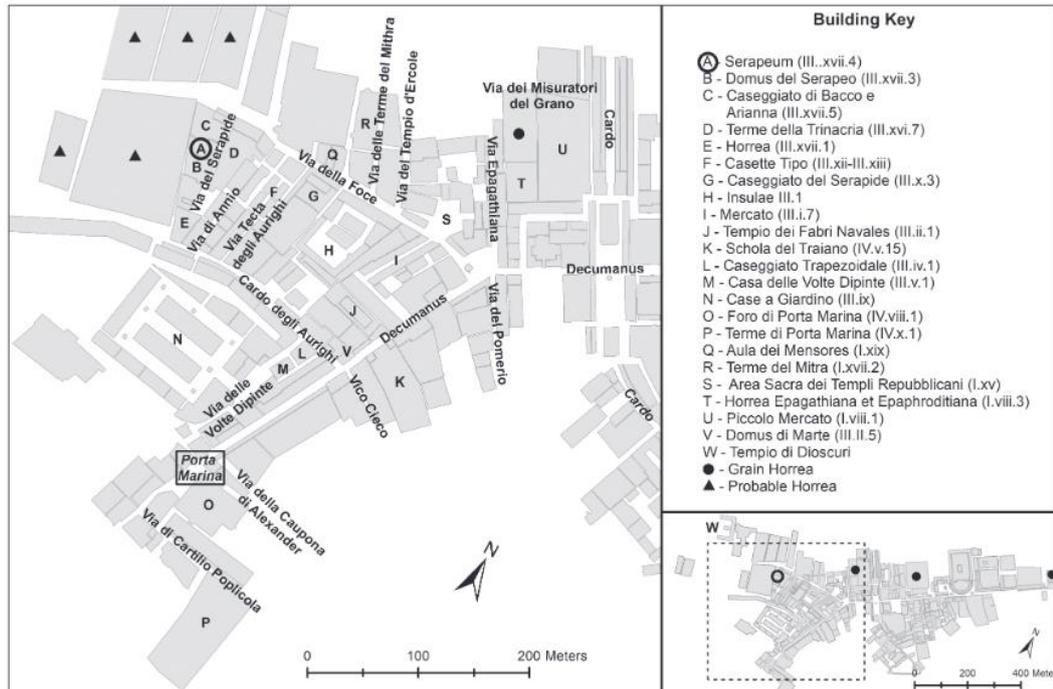


Figura 5 – Cena naval 4. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p9_files/image056.jpg. Acesso
em: 16 de setembro de 2024.

Fontes epigráficas indicam a participação de pessoas portando títulos como navarcas e trierarcas, entretanto, ainda é incerto se estes correspondiam a títulos solenes do contexto do culto ou se consistiam em tripulantes reais, do mesmo modo que é incerto se o navio lançado ao final do festival era um navio em proporções reais e tripulado, ou se tratava de um navio cerimonial de menores dimensões contendo apenas as oferendas.

Os templos dedicados a Ísis são a expressão do prestígio obtido pelos cultos de Ísis e Serápis no mundo romano, no caso dos arredores de Roma trago mais especificamente Óstia, importante porto do qual escoava os grãos trazidos do Egito no período imperial. Não há conhecimento de um Templo de Ísis em Óstia, tendo havido um santuário da deusa em Porto, um ancoradouro próximo, todavia, Óstia contou com um Serapeu na região III onde, no caso de não ter havido um Templo de Ísis, seria possivelmente o local de culto da deusa. Outro ponto importante a ser levado em consideração é que prerrogativa marítima era compartilhada com Serápis, e com isso, presumivelmente o Serapeu poderia ser um ponto de partida ou de parada da procissão que culminada no mar ou mesmo no rio, nesse caso no Tibre. Como era uma celebração que reunia pessoas externas aos mistérios de Ísis, é provável que a procissão visasse ruas principais, pontos de aglomeração, e mesmo a passagem em frente a estabelecimentos comerciais, em especial locais que que pudessem se beneficiar da benção da protetora da navegação.



Mapa 2 – Mapa de Óstia por Katherine A. Crawford. Referência: CRAWFORD, 2022, p. 50.

O afresco abaixo encontrado em Óstia também é alvo de controvérsias. Este aparentemente retrata no lado esquerdo crianças conduzindo um pequeno navio como o auxílio de um carrinho, e do lado direito, o que alguns estudiosos argumentam ser uma situação distinta, os preparativos para o aniversário de Sétimo Severo em onze abril em atenção ao estandarte. O navio não indica diretamente o festival, contudo, a possibilidade não é descartável.



Figura 6 – Afresco de Óstia. Referência: BRICAULT, 2020, p. 225.

Ainda há um fragmento de relevo, encontrado na Via Ápia próximo à Roma, que possui uma temática que remete ao Egito, com a presença da típica ave egípcia, a íbis, o touro, evocando o sagrado touro Ápis, assim como uma estátua modelada ao estilo egípcio. De acordo com a descrição fornecida pelo Museu Nacional Romano onde encontra-se a peça, no fragmento datado de cerca do ano 100 e que possivelmente retrata o pátio do *Iseum* e Serapeu situados no Campo de Marte, a cena central, que retrata músicos e pessoas dançando, é o elemento que pode indicar o festival, ainda que apenas como hipótese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Navigium Isidis* apesar de ser atestado em diversas fontes escritas e constando em calendários romanos, ainda é alvo de discordâncias entre os estudiosos quanto a cultura material que poderia representar ou indicar o festival. A fonte de maior descrição sobre a festividade é a obra de Apuleio, que apesar de ser uma literatura fantasiosa, pode conter elementos reais do festival, inclusive com o alinhamento de sua descrição com evidências materiais.

A celebração possivelmente não ocorreu da mesma forma em todos os lugares em que esteve presente e ao longo do espaço de tempo em que foi praticado. Contudo, apesar de incertezas, o caráter marítimo presente na cultura material encontrada nos Templos e Santuários próximos ao mar, evidenciam a força desse aspecto de Ísis. Assim, por meio desse estudo, percebemos as origens da prerrogativa marítima de Ísis e os modos com que se relacionam com o caráter da Ísis faraônica, assim como os modos com que este aspecto da deusa pode ter sido recepcionado em Pompeia e arredores de Roma. Portanto, conclui-se que o *Navigium Isidis* guarda elementos egípcios de Ísis, especialmente no que se refere à relevância do mito de Ísis e Osíris para substanciar os atributos helenísticos da deusa que foram disseminados para estas localidades, concebendo novas experiências religiosas que, embora com resguardas, por meio da cultura material proporcionam a nós ricas fontes de interpretações.

FONTES

Afresco de Óstia. Referência: BRICAULT, 2020, p. 225.

Cena naval. ©Jackie and Bob Dunn, www.pompeiiinpictures.com, Su concessione del MiC - Parco Archeologico di Pompei. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p11_files/image048.jpg. Acesso em: 30 de julho de 2024.

Cena naval 2. ©Jackie and Bob Dunn, www.pompeiiinpictures.com, Su concessione del MiC - Parco Archeologico di Pompei. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p9_files/image037.jpg. Acesso em: 16 de setembro de 2024.

Cena naval 3. ©Jackie and Bob Dunn, www.pompeiiinpictures.com, Su concessione del MiC - Parco Archeologico di Pompei. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p11_files/image042.jpg. Acesso em: 16 de setembro de 2024.

Cena naval 4. ©Jackie and Bob Dunn, www.pompeiiinpictures.com, Su concessione del MiC - Parco Archeologico di Pompei. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p9_files/image056.jpg. Acesso em: 16 de setembro de 2024.

Navigium Isidis. ©Jackie and Bob Dunn, www.pompeiiinpictures.com, Su concessione del MiC - Parco Archeologico di Pompei. Referência:
https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p13_files/image047.jpg. Acesso em: 30 de julho de 2024.

BIBLIOGRAFIA

- APULEIO, Lúcio. *O Asno de Ouro*. N/A: Ediouro, /. 204 p. (Clássicos de Bolso). Tradução de Ruth Guimarães.
- BRICAULT, Laurent. *Isis Pelagia: Images, Names and Cults of a Goddess of the Seas*. Leiden, Boston: Brill, 2020. 384 p. (Religions in the Graeco-Roman world).

CRAWFORD, Katherine A. Displaying Rituals: simulating potential routes of the *navigium isidis* procession. *Journal Of Urban Archaeology*, Turnhout, p. 49-70, jul. 2022.

FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. *O culto da deusa Ísis entre os romanos no século II: Representações nas Metamorfoses de Apuleio*. 2006. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Faculdade de Ciências e Letras, Unesp - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

GASPARINI, Valentino. Staging religion. Cultic performances in (and around) the temple of Isis in Pompeii. In: CUSUMANO, Nicola; GASPARINI, Valentino; MASTROCINQUE, Attilio; RÜPKE, Jörg (ed.). *Memory and religious experience in the Greco-Roman world*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2013. p. 185-211.

GUERRIERI, Kelly. The Temple of Isis in Pompeii: the promise of navigable seas in a seafaring economy. *The Post Hole*, York, n. 36, p. 29-34, mar./abr. 2014.

HARDWICK, Lorna. Reception within Antiquity. In: HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 12-32.

WALLACE-HADRILL, Andrew. Public honour and private shame: the urban texture of Pompeii. In: CORNELL, Tim; LOMAS, Kathryn. *Urban Society in Roman Italy*. Londres: Routledge, 2005, p. 39-61.